

MONTEIRO LOBATO E MANUEL BANDEIRA FICÇÕES LOBATIANAS: A TERCEIRA RANHINHA

Horácio Dídimo

*Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Comparada.
Membro da Academia Cearense de Letras, Academia Cearense da
Língua Portuguesa e Sócio Honorário da Academia Fortalezense de
Letras. Professor do Departamento de Literatura da UFC. Sócio
Correspondente da Academia de Letras e Artes
Mater-Salvatoris de Salvador - BA.*

Para cá, pra lá...
Para cá, para lá...
Um novelozinho de linha...
Para cá, para lá..
Para cá, para lá..
oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balança
— Psiu... —
Para cá, para lá...
Para cá e...
— O novelozinho caiu.

MANUEL BANDEIRA

Debussy. In: *Poesia Completa e prosa*, p.168.

Dona Aranha e o Visconde conversavam sobre o melhor meio de registrar no livro que estavam escrevendo tudo o que havia acontecido no Sítio nas últimas duas semanas com os primeiros visitantes do Projeto Pirlimptur.

A terceira aranhinha, a Fazinha, estava procurando a caderneta verde onde estavam anotados os nomes das pessoas do mundo real, como La Fontaine, Esopo,¹ Péricles, Aspásia, Sócrates, Fídias, Heródoto² e muitos outros, que foram transformados em personagens lobatianos. A chamada Aranhinha Extra queria anotar mais um nome — Manuel Bandeira.

1 Cf. “Pena de papagaio”, in: LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*.

2 Cf. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*.

A poeta já estava na varanda, recostado na mesma redinha onde haviam descansado os ossos, conversado e tirado boas sonecas ilustres personagens como D. Quixote de la Mancha³ e o Almirante Brown, da Esquadra de Sua Majestade Real Britânica.⁴

Dona Benta, sentada na sua cadeirinha de pernas serradas, dizia:

— Sua presença aqui, prezado poeta, é a realização de um velho sonho, que eu julgava quase impossível...

— Confesso, Dona Benta, que foi a companhia de Sacha, sugerida pela senhora, que me deu forças para vir a esta Pasárgada da infância, que é o seu Sítio do Picapau Amarelo. O apelo da infância, como todos sabem, sempre foi muito forte para mim, mas estava com medo de me extraviar. Segurei a mão de Sacha e rezei a minha oração:

Santa Clara, clareai.
Afastai
Todo risco.
Por amor de S.Francisco,
Vosso mestre, nosso pai,
Santa Clara, todo risco
Dissipai.

Santa Clara, clareai.⁵

Após uma pequena pausa, prosseguiu:

— Quando abri os olhos vi a minha amiga Dona Aranha e sua filha, a Aranhinha Verde; depois vi as crianças. Fiquei muito feliz.

— É verdade que o senhor engoliu um piano e ficou com o teclado de fora? — perguntou Emília que naquele momento passava levando Sacha para ver o seu famoso museu.

3 Cf. LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*.

4 Cf. LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*.

5 Cf. "Oração para aviadores". In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.308-309.

— Vejo que vocês aqui conhecem o meu auto-retrato⁶ — disse Bandeira sorrindo. — Sempre fui dentuço, Emília, e os caricaturistas, como o Alvarus, sempre se aproveitaram disso.

Meteu a mão no bolso, tirou uma cópia da caricatura, que entregou a Emília, dizendo:

— Minha contribuição para o seu museu.

Emília espremeu a risadinha moleque e mostrou o desenho a Narizinho, que também acompanhava Sacha.

Caricatura do poeta feita por Alvarus⁷

Narizinho disse:

— Também vou fazer a minha pergunta ao poeta. É verdade que um porquinho-da-índia foi a sua primeira namorada?⁸

6 Cf. “Auto-retrato”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.394.

“Provinciano que nunca soube

Escolher bem uma gravata;

Pernambucano a quem repugna

A faca do pernambucano;

Poeta ruim que na arte da prosa

Envelheceu na infância da arte,

E até mesmo escrevendo crônicas

Ficou cronista de província;

Arquiteto falhado (músico

Falhado (engoliu um dia

Um piano, mas o teclado

Ficou de fora); sem família,

Religião ou filosofia;

Mal tendo a inquietação de espírito

Que vem do sobrenatural,

E em matéria de profissão

Um tísico profissional.”

7 Cf. BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira*/seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Salete de Almeida Cara, p.10.

8 Cf. “Porquinho-da-índia”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.208-209.

“Quando eu tinha seis anos

Ganhei um porquinho-da-índia.

Que dor de coração me dava

— Que tem isso? — defendeu Emília. — Pois um porquinho rabricó não foi o meu primeiro marido?⁹

— Vão brincar, meninas — disse Dona Benta. — Deixem o poeta descansar um pouco.

Emília ainda insistiu:

— O poeta que acha de um narizinho arribitado brincando ao lado de um narizinho de bolacha?

Sacha, que ainda não havia dito nada, arriscou:

— E atrás de nós, um narizinho de retrós.¹⁰

Apesar das recomendações, o velho poeta não pôde sossegar nem um pouquinho. Tia Nastácia entrou com o café e os bolinhos e foi logo perguntando?

— Sr. Bandeira, como vai a Irene, amiga de São Pedro?

— Irene manda-lhe muitas lembranças e diz que qualquer dia vem conhecê-la pessoalmente. Acho que a Irene, amiga de São Pedro, tem muito a conversar com Tia Nastácia, amiga de São Jorge.¹¹

Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele pra sala

Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos

Ele não gostava:

Queria era estar debaixo do fogão.

Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

__ O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.”

9 Cf. episódio “O Marquês de Rabricó”: I) Os sete leitõezinhos, II) O pedido de casamento, III) O noivado de Emília, IV) O casamento. In: LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*.

10 LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*, p.3:

“Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa.”

11 LOBATO, Monteiro. *Viagem ao céu*, p.62:

“Tia Nastácia afinal chegou-se __ mas embaraçadíssima. Tinha as mãos cruzadas no peito e os olhos baixos, sem coragem de erguê-los para o santo. Estar diante dum santo daqueles, tão majestoso na sua armadura de ferro, era coisa que a punha fora de si.

__ Não tenha medo de mim __ disse São Jorge sorrindo. __ Diga-me: está gostando deste passeio à Lua?

Pedrinho também apareceu querendo saber como o poeta quebrava as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas, se atirando pedras ou jogando bola.¹² Assegurava que o melhor processo era o bodoque.

— Com o meu — afirmou — eu quebrava o pincenê sem quebrar a ponta do nariz do velho Totônio Rodrigues.¹³

— Ah Pedrinho, você não pode imaginar com reinamos na rua da União, na rua do Sol, na rua da Saudade, na rua da Aurora, na casa do meu avô!

Dona Benta comentou:

— Lembro-me de suas palavras na “Evocação do Recife”:

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade.¹⁴

Acho que estes seus versos são mágicos. Depois deles a casa de seu avô ficou realmente impregnada de eternidade. Passamos a visitá-la na nossa imaginação. Agora ela não acabará mais.

O tom bondoso da pergunta fez que a pobre negra se animasse a falar.

— São Jorge me perdoe — disse ela com a voz atrapalhada. — Sou uma pobre negra que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha para Dona Benta e estes seus netos, que são as crianças mais reinadeiras do mundo. Eles me enganaram com uma história de rapé do Coronel Teodorico, o compadre lá de Sinhá Benta, e me fizeram cheirar um pó que mais parece arte do canhoto. Agora a pobre de mim está nesta Lua tão perigosa, sem saber o que fazer o que fazer nem o que pensar. Minha cabeça está que nem roda de moinho, virando, virando. Por isso rogo a São Jorge que me perdoe se minhas humildes respostas não forem da competência e da fisolustria dum santo da corte celeste de tanta prepotência...”

12 Cf. “Evocação do Recife”. BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.212-214: “A Rua da União onde eu brincava de chicote queimado e partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas”

13 Idem:

“Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz”

14 Idem.

Nesse momento Tia Nastácia abriu a porta e anunciou:

— Sr. Bandeira, tem um sapo aí fora que insiste em falar com o Senhor. Diz que é só uma palavrinha...

— Deve ser o Major Agarra-e-não-larga-mais, do Reino das Águas Claras — esclareceu Dona Benta.

— Então pode mandá-lo entrar — disse o poeta resignado. — Desde que não agarre a gente, tudo bem.

O Major Agarra entrou aos pulos e foi logo dizendo:

— Excelência, vim pedir notícias dos meus confrades Sapo Boi, Sapo Pipa, Sapo Tanoeiro e principalmente do meu ilustre amigo Sapo Cururu.¹⁵

— Meu prezado major, tendo motivos para crer que estejam todos agora deitados nas suas lagoas, dormindo profundamente. Quanto ao Sapo Cururu, que também é meu amigo pessoal, está muito feliz morando no sítio do Capitão Bão Balalão, cantando na beira do rio, ao lado de Dona Sapa Cururua e de um cardume de sapinhos cururuzinhos.¹⁶

O major agradeceu muito contente as boas notícias, mandou um recado para o Sapo Cururu, prometendo passar com ele as próximas férias e despediu-se cerimoniosamente de todos. Ao sair da varanda quase esbarra com Emília, que retornava do passeio com Sacha e Narizinho.

Durante a visita ao museuzinho Emília havia recebido um valioso presente de Sacha: uma pena do pardalzinho cujo corpo repousava no jardim do poeta e cuja alma havia voado para o céu dos passarinhos.¹⁷

15 Cf. “Os sapos”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.158-159.

16 Cf. “Profundamente” e “Rondó do capitão”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.217-218 e 258.

17 Cf. “Pardalzinho”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.265:

“O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-lhe a asa.

Sacha lhe deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Foram cuidados em vão:

A casa era uma prisão,

O pardalzinho morreu.

O corpo Sacha enterrou

No jardim; a alma, essa voou

Para o céu dos passarinhos!”

Narizinho perguntara na ocasião se o pardalzinho não seria uma pardalzinha chamada Ismália. Emília ficou muito satisfeita com o presente, mas queria saber onde ficava esse céu dos passarinhos.

Sacha havia dito:

— Não sei. Pergunte ao vovô Bandeira.

Naquele momento Bandeira cochilava na redinha e Dona Benta, na cadeirinha de pernas serradas.

Emília exclamou:

— Gurugutu pif paf!¹⁸

Ambos abriram os olhos. Bandeira sorriu. Imediatamente Emília atacou:

— Sr. Bandeira Poeta, onde fica o céu dos passarinhos?

— Não sei, Emília. Só sei que ele existe e que os passarinhos chegam lá pelo caminho de São Francisco.

— E o senhor não podia falar com o santo?

— Bem que eu gostaria de entrevistar-me com ele. Mas quem sou eu? Não mereço!¹⁹ Conheço, entretanto, alguém que já viu São Francisco andando pelo caminho e contou direitinho tudo o que viu. Foi o meu amigo Vinicius de Moraes. O poema que ele escreveu diz assim:

18 Cf. “Sacha e o poeta”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.234-235:

“Quando o poeta aparece

Sacha levanta os olhos claros,

Onde a surpresa é o sol que vai nascer.

O poeta a seguir diz coisas incríveis,

Desce ao fogo central da Terra,

Sobe na ponta mais alta das nuvens,

Faz gurugutu pif paf,

(...)

Sacha sorri como o primeiro arco-íris.”

19 Cf. “Programa para depois de minha morte”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.356:

Depois de morto, quando eu chegar ao outro mundo,

Primeiro querei beijar meus pais, meus irmãos, meus avós, meus tios, meus primos.

Depois irei abraçar longamente uns amigos — Vasconcelos, Ovalle, Mário...

Gostaria ainda de me avistar com o santo Francisco de Assis.

Mas quem sou eu? Não mereço.”

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho
Dormindo à noite
Junto ao moinho
Bebendo a água
Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão
Dizendo ao vento
Bom-dia, amigo
Dizendo ao fogo
Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesuscristinho
Fazendo festa
No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos.²⁰

Emília comentou:

— Também sou escritora e amiga dos passarinhos. Foram as informações de um casal de besouros cascudos meus amigos que salvaram

20 Cf. “São Francisco”. In: MORAES, Vinicius. *A arca de Noé*, p.17-19.

21 Cf. Cap.IV - “Os espíões da Emília”. In: LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*, p.27: “Entre os animais da florestas que iam atacar o sítio de Dona Benta havia traidores. Eram os espíões da Emília. A terrível bonequinha fizera amizade com um casal de besouros casacudos, muito santarrões, que viviam fingindo estar a dormir mas que não

o Sítio da invasão dos animais ferozes.²¹ Vou ver se escrevo com algum passarinho que tenha escutado as historinhas de São Francisco.

Narizinho contestou:

— Tudo bem, Emília. Só que besouros não são passarinhos.

— Pois para mim são. São miudinhos, cascudinhos, mas são passarinhos. São os passarinhos-besouros.

— E que figura é essa na sua mão — indagou o poeta, mudando de assunto.

Emília respondeu:

— É para provar que sou escritora e também para retribuir o seu presente. É o meu retrato desenhado no momento em que acabava de escrever as minhas memórias.²²

— Muito obrigado, Emília. Sempre gostei de desenhos, pinturas e fotografias. Eu mesmo já andei desenhando as minhas garatujas. E tenho, como você, o meu museu particular.

Sacha também veio mostrar ao poeta um novelozinho de fio verde que a Fazinha lhe havia dado de presente. Sacha o movimentava de uma mão para a outra, para cá e para lá.

— Psiu! — fez Bandeira. — Vocês não estão ouvindo uma melodia?

Realmente, enquanto Sacha brincava com o novelozinho todos ouviam uma música suave. Quando parava, a música parava.

— É o *Clair de Lune*, de Debussy — reconheceu Dona Benta.

O poeta confirmou com a cabeça.

Atrás dele mais três cabeças confirmaram: a de Dona Aranha, a da Aranhinha Verde e a do Visconde.

— Estamos aqui, amigo poeta — anunciou Dona Aranha — com a missão de levá-lo à piscina hifológica.

perdiam coisa nenhuma do que se passava na floresta. Na reunião dos animais também eles estiveram presentes, vendo e ouvindo tudo lá do seu cantinho. Em seguida foram dar parte do acontecido à boneca.

__ Eles vão atacar a casa e comer toda a gente do sítio __ disse o besouro com voz cautelosa.

__ Eles quem? __ indagou Emília.

__ As onças, as iraras e os cachorros-do-mato.”

22 Ilustração de Manoel Victor Filho. In: LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*, p.60.

Bandeira desculpou-se, alegando que não trouxera roupa adequada, visto que só tomava banho de mar ou de piscina em Pasárgada, onde também fazia ginástica, andava de bicicleta, montava em burro brabo e subia em pau-de-sebo.²³

— Aqui o senhor pode fazer ginástica à vontade, pode subir no mastro de São João e tomar banho no ribeirão — informou o Visconde. — Até já tivemos um pedaço do Mar-dos-Piratas, trazido por Peter Pan e depois levado de volta.²⁴ Mas não temos bicicleta. A nossa bicicleta é o Quindim e o nosso burro, o Burro Falante, é mansíssimo. Quanto à piscina, não se preocupe. Não é aquática, é textual.

A Aranhinha Verde, então, revelou:

— A piscina hifológica do Sítio do Picapau Amarelo é a biblioteca de Dona Benta. Quem atravessá-la em companhia de Mamãe Aranha, ainda que tenha vindo do mundo real, transforma-se em personagem lobatiano. O seu nome, aliás, já está anotado no meu caderninho verde.

O poeta não se fez de rogado. Atravessou a biblioteca de ponta a ponta, ao lado de Dona Aranha e de Dona Benta. De vez em quando parava e dava longos mergulhos nos textos lobatianos. Quando veio à tona do sétimo mergulho Dona Aranha falou:

— Já chega, poeta. Vossa Excelência está mais do que confirmado como personagem lobatiano.

Manuel Bandeira queria dar mais mergulhos, mas Dona Aranha apresentou-lhe um telefone verde, dizendo:

— Alguém quer falar com o senhor.

— Alô! — disse o poeta. — Aqui é Manuel Bandeira.

Uma voz exclamou:

23 Cf. “Vou-me embora pra Pasárgada”. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, p.222

“E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!”

24 Cf. LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p.20:

“Peter Pan trouxe tudo que havia na Terra-do-Nunca __ até o mar onde vogava a ‘Hiena-dos-Mares’ do Capitão Gancho.”

— Nunca pensei que um dia pudesse falar com o São João Batista do Modernismo no Sítio do Picapau Amarelo! Aqui é Monteiro Lobato. Estou falando do meu escritório em São Paulo.

— É realmente uma grande, uma formidável surpresa! Sabia que um dia nos encontraríamos na dimensão mágica da infância, mas não sabia como nem quando. Como gostaria de encontrá-lo pessoalmente. Quando vem ao Sítio?

— Vou ao Sítio sempre que posso — disse Lobato. — Estive aí há pouco tempo comemorando o meu aniversário. Mas quando meus afazeres me prendem aqui, como agora, acompanho tudo o que se passa no Sítio através de um pirlimpvídeo acoplado a sete telecromofones operados por Dona Aranha e suas aranhinhas. Estou acompanhando todo o projeto pirlimptur. Agora mesmo assisti ao seu banho hifológico.

— Ah como eu gostaria de pirlimpinzar a minha Pasárgada. Lá sou amigo do rei, mas às vezes me parece que ele não se preocupa muito com essas coisas.

— Quem é esse rei, afinal?

— Bem, não é propriamente um rei, mas uma rainha — a Poesia.

— Era o que eu imaginava. Não sou muito ligado à Poesia, Bandeira, mas mantendo ótimas relações com sua irmã gêmea, a Ficção. Sou, entretanto, um grande admirador da sua obra, principalmente dos poemas da infância e dos seus manifestos poéticos.

— Por falar em manifestos, Lobato, posso afirmar que vários manifestos modernistas poderiam ser desentranhados de seus livros considerados pelos críticos como pré-modernistas, mas que eu preferiria chamar de pré-picapau-amarelistas. Saiba que você é o verdadeiro Pai do Modernismo, apesar de todos os malentendidos dos que malentenderam a sua obra e as suas atitudes.²⁵

25 Cf. “Manifestos Modernistas de Monteiro Lobato” (cap. IV) e Conclusões” (cap. VII). In: LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma*: Monteiro Lobato e o Modernismo.

“Sim, como estudante da obra de José Bento Monteiro Lobato, o reconheço como o verdadeiro pai do Modernismo, o gênio que lhe deu sua direção, sua temática, sua preocupação nacionalista, seu foco no homem perdido do interior e no “regional” do panorama brasileiro, sua ênfase no folclore como “leitmotif”, seu interesse numa língua

— Mas caro poeta, isso tudo são águas passadas. Não quero saber de modernismos, nem de pré-modernismos, nem de pós-modernismos. Sou mesmo, como você diz, um picapau-amarelista, um pirlimpimpista, e até, de certo modo, um pasargadista. Vejo e procuro mostrar às crianças do Brasil como ele é e como devia ser. Viajo por mundos possíveis e impossíveis em companhia dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo. E digo tudo o que penso e até o que nunca pensei, ajudado por Dona Aranha e pelas seis espertas aranhinhas, suas filhas.

Neste momento a terceira aranhinha, a Fazinha, que estava gravando tudo num novelozinho verde, sorriu.

E o novelozinho caiu...

brasileira e inovadora, seu desdém pela imitação dos modelos estrangeiros __ enfim, tudo aquilo que marcaria o Modernismo como o movimento artístico mais importante do século XX. Na vida, negou-se-lhe a honra tão merecida; agora, mais de três décadas após a sua morte, façamos a única homenagem digna de comemorar o centenário desse 'Jeca com idéias', conferindo-lhe uma posição de destaque por toda a sua valiosa e extraordinária contribuição. Que por fim se faça justiça ao literato mais injustiçado nas letras brasileiras!" (p.259)